

TATUANDO O DESAMPARO

A juventude na atualidade

*Joel Birman**

I. Condições de um conceito

A problemática em causa, a juventude na atualidade, é caracterizada pela complexidade, pois pressupõe no seu interior uma multiplicidade de temas possíveis, que poderiam todos serem inscritos no seu campo, com toda a pertinência. A cartografia em questão seria então imensa e de contornos imprecisos, em decorrência da extensão de seu cardápio de possibilidades. Devo realizar certas escolhas temáticas e enfatizar algumas linhas de fuga, portanto, para que se possa dizer algo que seja efetivamente consistente e coerente sobre a juventude hoje. Isso implica em dizer que tenho necessariamente que realizar certos recortes temáticos, enfatizando certas questões e colocando outras entre parênteses, para delinear a problemática em pauta.

A ponderação expositiva, a que aludo acima, já indica qual é a questão de fundo que se impõe e está aqui em pauta, do estrito ponto de vista teórico, qual seja, o **conceito** de juventude propriamente dito. Com efeito, este conceito foi recentemente subvertido, de maneira evidente, de forma que aquilo que era descrito outrora como sendo a juventude não pode ser retomado **ipse littere** na atualidade. Isso porque a temporalidade da juventude se alterou de maneira substantiva, seja na transformação da infância que a precede, seja na da idade adulta que a sucede.

* Psicanalista, Membro do Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos e do Espace Analytique (França), Professor do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Esta mudança crucial ocorreu não apenas nas classes populares da população, como também nas classes médias e nas elites, de forma que muitos autores já enunciaram que a infância, enquanto etapa psíquica e sociologicamente bem discriminada da existência humana, estaria em franco processo de desaparecimento e de dissolução. Suponho, aqui, que existe um certo exagero nesta leitura. Porém, o que indica esta percepção inesperada é que uma **transformação** fundamental estaria efetivamente acontecendo na contemporaneidade, no que concerne às ditas idades da vida. É para tal transformação que se deve ficar bem atento, já que seria pelo percurso sistemático desse fio de prumo que poderia se evidenciar a melhor possibilidade de abordagem, para o que está aqui em causa.

Pode-se dizer então que existe na atualidade um **alongamento** da adolescência, que começa hoje bem mais cedo do que outrora e que se prolonga também bastante, no campo que se denominava antigamente de idade adulta. No que se refere à tradição brasileira, considerando a sua inscrição na cultura urbana, a que vou me voltar principalmente aqui, este alongamento me parece evidente.

Assim, as classes populares são arrancados, há muito tempo, de sua condição infantil muito precocemente, premidas que são pelo imperativo da sobrevivência. As crianças freqüentam pouco a escola e quando o fazem são obrigadas a trabalhar de alguma forma, para colaborar na renda familiar. As suas famílias são em grande parte monoparentais, centradas principalmente na figura materna, que cuida de uma prole cujos filhos, não raro, tem diferentes pais biológicos. Lançadas muito cedo na brutal experiência social, estas crianças são obrigadas a serem jovens e mesmo adultos muito cedo, convivendo precocemente com coisas terríveis e mesmo quase impossíveis, para as suas idades biológicas.

No que tange as crianças das classes médias e as elites, a família e a escola, enquanto referências institucionais regulares, estão efetivamente presentes. As figuras parentais originárias, ou os seus substitutos, estão quase sempre presentes, se bem que as famílias monoparentais começam também aqui a se evidenciar lentamente. Porém, a adolescência começa mais cedo do que outrora e se prolonga também pela idade adulta, de maneira a se tornar hoje bem mais longa do que há décadas atrás.

Uma série de questões sociais e psico-sociais devem ser aqui bem consideradas, com os seus operadores específicos, para que se possa interpretar devidamente o que está em causa. Sem a ênfase nesses **operadores** será bastante difícil e até mesmo impossível compreender a mudança que está aqui se processando. É para isso que devemos nos voltar inicialmente, para que se possa empreender uma leitura da juventude na atualidade.

II. Subjetivação e jogos de verdade

Portanto, é preciso se deslocar de uma leitura estritamente psico-biológica, das idades da vida, para que possamos nos aproximar efetivamente do que ocorre hoje. Assim, nos acostumamos a acreditar, há muito tempo já, aliás, que as idades da vida seguiam um certo padrão, ordenados que seriam sempre por certas regularidades específicas, que lhes dariam consistência e substancialidade. Este padrões seriam então estritamente regulados pelos registros biológico e psíquico, que explicariam a sua seqüência temporal e a duração de cada um dos períodos em causa. Além disso, a dimensão biológica seria aqui decisiva, subsumindo a dimensão psicológica.

Assim, a infância seria sucedida pela adolescência e pela idade adulta, que convergiriam para a velhice e o fim inevitável da vida. A vida teria então uma curva ascendente e uma outra que seria descendente, que culminaria na morte. O vetor

progressivo, mais longo temporalmente, se desdobraria num vetor regressivo, mais curto. Cada um destes períodos teria uma duração específica, não obstante a presença de pequenas variações temporais, admitidas, é claro, pela construção estatística do modelo em questão.

Além disso, cada período seria concebido numa perspectiva estritamente biológica, que conferiria os parâmetros objetivos para a fundamentação científica do modelo em questão. A leitura psíquica ficaria atrelada ao biologismo de base, de forma que as características psíquicas de cada um dos períodos em causa seriam a simples **derivação** da fundamentação biológica.

Portanto, a marca maior deste modelo teórico é o seu evidente **naturalismo**. O que foi aqui colocado entre parênteses foram os campos sociais e institucionais, aos quais estes períodos estavam necessariamente referidos. Com efeito, tanto a infância quanto a adolescência, a idade adulta e a velhice tinham referentes sociais e institucionais bastante precisos, que lhes dava a devida consistência, sem os quais aqueles períodos da existência seriam efetivamente intangíveis.

Não quero dizer com isso que o registro biológico deva ser descartado e que não seja importante. Não se trata disso, é claro. Contudo, é preciso que tal registro seja devidamente relativizado e contextualizado, ao ser inscrito e relacionado nas séries institucionais e sociológicas. Seria apenas pela consideração dessas que as ditas idades da existência podem adquirir uma dimensão **simbólica** propriamente dita, pela mediação da qual o registro psíquico pode assumir a sua efetiva pregnância.

Assim, é preciso considerar devidamente como os diferentes registros da **educação**, do **trabalho**, da **família** e da **saúde**, são referentes cruciais deste modelo teórico, mas que foram colocados virtualmente entre parênteses, como se fossem a mera consequência de um certo funcionalismo, regulado pelo determinismo biológico. Para isso, no entanto, é preciso

considerar ainda que todos estes referentes sociológicos e institucionais, acima referidos, foram construídos historicamente. Seria pelo devido reconhecimento disso, que poderíamos evidenciar efetivamente o naturalismo que funda e delinea este modelo teórico. Enfim, foi pelo apagamento desta dimensão **histórica** que o dito modelo foi naturalizado e banalizado, transformando-se então literalmente numa ideologia, a que passamos a conferir credibilidade científica.

Se a psicanálise teve indubitavelmente o mérito de desbiologizar a sexualidade e de inscrever assim a biologia num registro eminentemente simbólico, enunciando, com Freud, a perversão polimorfa e o conceito de sexualidade infantil,¹ foram sem dúvida algumas outras pesquisas, realizadas nos domínios da história e da filosofia, que tiveram a importância crucial de delinear criticamente a construção eminentemente histórica presente na descrição naturalista das idades da existência. Com efeito, se Ariès² e Flandrin³, começaram a desnaturalizar sistematicamente a concepção de infância na tradição ocidental, Foucault nos abriu muitas outras portas que radicalizaram bastante a crítica da dita naturalização, principalmente com a formulação dos conceitos de **biopoder** e de **biohistória**.⁴

Assim, Airès mostrou de forma rigorosa como a infância é uma categoria eminentemente histórica, construída em correlação com as categorias de família e de sociedade, de forma que a versão que temos destas categorias são construção efetivas, realizadas que foram na passagem do século XVIII para o século XIX. Na mesma direção

¹ Freud, S. *Trois essais sur la théorie de la sexualité* (1905). Paris, Gallimard, 1962.

² Airès Ph. *L'enfant et la vie familiale sous Ancien Regime*. Paris, Plon, 1960.

³ Flandrin, J. "Enfance et société". In: *Annales ESC*, 19, 1964, p. 322-329.

⁴ Foucault, M. *La volonté de savoir*. Paris, Gallimard, 1976.

se dirigiu também a pesquisa de Flandrin, que se desdobrou posteriormente numa exaustiva enquete histórica sobre a sexualidade.

A pesquisa genealógica de Foucault delineou, em contrapartida, como a construção pelo Ocidente de um **saber sobre o sexual**, em oposição à **arte erótica**, que existiria nas outras tradições culturais, se inscreva num horizonte eminentemente biopolítico.⁵ Assim, foi apenas quando a **qualidade de vida da população** foi transformada na fonte maior de **riqueza das nações**, que um saber sobre a sexualidade foi então constituído, em correlação com a construção de uma outra ordem familiar e social, na qual a **medicalização** da sociedade passou a ocupar uma posição estratégica na produção e regulação do corpo. Foi nesse contexto histórico que a escola e a medicina se configuraram como instituições cruciais na sociedade ocidental, fundamentais que seriam para a constituição da qualidade de vida da população.

Foi somente neste contexto histórico que a família nuclear moderna – constituída pelas figuras do pai, da mãe e dos filhos – se constituiu, com a divisão estrita entre os **poderes** paterno e materno. Assim, se a figura paterna se inscrevia no registro da **governabilidade** do espaço público, a figura materna se inscreveu no registro da governabilidade do espaço privado, tendo no campo da família o seu ponto de aplicação por excelência. Portanto, seria a figura materna que faria a mediação com os recentes poderes médico e pedagógico, para a promoção da qualidade de vida de sua descendência.

Portanto, o referido modelo naturalista das idades da existência foi aqui construído de maneira estrita, sendo este então o seu horizonte social e político de referência. Foram estas pois as suas coordenadas fundamentais, de forma que sem a consideração devida daquelas, numa perspectiva crítica, não poderemos interpretar devidamente as

⁵ Foucault, M. Idem.

transformações que ocorreram posteriormente nas idades da vida e na juventude em particular.

Assim, a extensão na duração da vida, promovida pela medicina, transformou de ponta-cabeça a idéia que se tinha da velhice, desde os anos 60 e 70. Não apenas os idosos passaram a viver muito mais tempo do que outrora, mas também se inscreveram na ordem social de maneira inteiramente diferente, saindo então do ostracismo que os caracterizava nas suas existências sociais. Neste contexto, descobriram até mesmo novas possibilidades sociais e psíquicas.⁶ Portanto, a biologia perdeu a sua dimensão de absoluto e efetivamente se relativizou no seu estrito determinismo.

Pode-se já se entrever aqui como as demais idades da vida também se relativizaram, nesta perspectiva de leitura que estou agora propondo, como ocorreu com a infância e a velhice. Para isso, no entanto, é fundamental historicizar também o registro estritamente biológico, destacando o papel crucial dos operadores sociais e políticos, que imprimem então certas direções bem precisas às tendências e potencialidades do organismo humano. Seria nesta **intercessão** que o psiquismo na sua especificidade se delinearía, podendo então ser demarcado enquanto objeto teórico. Seria apenas neste interstício, enfim, que o registro simbólico do psiquismo poderia ser devidamente demarcado.

Nesta perspectiva, se a pulsão é a matéria-prima do psiquismo, conforme nos ensinou a metapsicologia freudiana, se anunciando na fronteira entre o somático e o psíquico,⁷ sem dúvida, a sua inscrição no discurso psíquico está na estrita dependência do **outro**, sem o qual isso não ocorreria. Porém, este outro apresenta múltiplas dimensões que são complementares, não se restringindo então à univocidade. Da incidência constitutiva da

⁶ Birman, J. "O futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise". In: Birman, J. *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo, 34, 1997.

⁷ Freud, S. "Pulsions et destins de pulsions" (1915). In: Freud, S. *Metapsychologie*. Paris, Gallimard, 1968.

imagem especular^{8,9} e da linguagem,¹⁰ como enfatizaram Freud e Lacan, é preciso evocar ainda a incidência fundamental dos operadores social e político na construção do psiquismo. Estes incidem também sobre as pulsões de maneira crucial, sempre pela **mediação** dos registros da imagem e da linguagem, modulando e precipitando, enfim, os efeitos destes.

Desta maneira, o conceito de **forma de subjetivação**, enunciado por Foucault no final de sua obra,¹¹ na sua articulação com o conceito de **jogos de verdade**,¹² nos possibilita costurar devidamente estas múltiplas e diferentes dimensões do outro, que se fazem presentes na produção e reprodução do psiquismo. Com isso, a leitura das diferentes idades da vida pode se realizar de maneira bem mais precisa, na medida que se adequa melhor à **complexidade** da problemática em questão e à pluridimensionalidade presente no campo do outro.

Foi por este viés teórico que empreendi acima a crítica do modelo naturalista, presente no discurso dominante sobre as idades da vida, destacando os exemplos privilegiados da infância e da velhice. O que pretendo realizar agora, pelo mesmo caminho teórico, é a leitura da juventude hoje, procurando interpretar a sua recente extensão temporal.

Para isso, no entanto, vou me centrar aqui basicamente na análise do que ocorre no campo social das classes médias altas e das elites, me referindo à outras classes sociais apenas para indicar possíveis contrastes, se isso se fizer necessário.

⁸ Freud, S. “Pour introduire le narcissisme” (1914). In: Freud, S. *La vie sexuelle*. Paris, PUF, 1973.

⁹ Lacan, J. “Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je” (1949). In: Lacan, J. *Écrits*. Paris, Seuil, 1968.

¹⁰ Lacan, J. “Fonction et champ de la parole et du langage em psychanalyse” (1953). In: Lacan, J. *Idem*.

¹¹ Foucault, M. *La volonté de savoir*. Op. cit.

¹² Foucault, M. “Les techniques de soi” (1980). In: Foucault, M. *Dits et écrits*. Volume IV. Paris, Gallimard, 1984.

III. Limite, alteridade e solidão

Para enunciar de maneira clara as transformações que se evidenciam na juventude hoje seria importante estabelecer o contraste com o que ocorria nos anos 50 e 60, do século passado. Contudo, a ênfase colocada nesse contraste não é aqui arbitrária, pois não apenas os jovens dos anos 50 e 60 representam um modelo antigo de juventude, por um lado, como também passaram a evidenciar e a serem os protagonistas de transformações fulgurantes, em decorrência da efetiva **modernização** da sociedade brasileira de então, pelo outro.

Assim, com esta oposição poderíamos construir dois diferentes **tipos ideais** da juventude, para me valer aqui de um conceito de Weber. Além disso, poderia ainda indicar o momento crucial de ruptura que se processou na sociedade brasileira, que nos evidenciaria aos operadores sociais e políticos que teriam regulado a passagem de um tipo ideal para o outro. Desta maneira, as formas de subjetivação e os jogos de verdade em questão poderiam ser então devidamente enunciados.

Assim, no início dos anos 60 a adolescência começava bem mais tarde do que hoje, mas terminava também mais cedo do que ocorre na atualidade. Isso porque a infância tinha uma mais longa duração do que acontece hoje, já que termina também bem mais cedo. Como já disse acima, não concordo com a interpretação de certos autores de que a infância não mais existe hoje, pois existe um certo exagero nessa interpretação. Parece-me que ocorre um encurtamento evidente da infância na atualidade e um começo bem mais precoce da adolescência, numa perspectiva histórica, é claro.

A que atribuir esta mudança significativa? Antes de mais nada, a exigência de **performance** realizadas sobre as crianças são muito maiores hoje do que outrora, principalmente no que se refere à multiplicidade de atividades ligadas à educação e ao aprendizado. Neste contexto, existe um incremento importante da rivalidade entre as

crianças, que passam a se preocupar com o futuro muito precocemente. Em contrapartida, o espaço para os jogos e as brincadeiras infantis se estreita de maneira marcante.

Configura-se, assim, um mundo que enfatiza excessivamente a rivalidade, mas que esvazia as relações de trocas mais tenras entre as crianças. A experiência da **alteridade** assume então contornos bem particulares por este contraste, de maneira que a **solidão** é uma presença crucial no atual mundo da infância. A diminuição do número de filhos nas famílias acentua ainda mais tudo isso, pois colocam um obstáculo real para o mundo de trocas entre as crianças.

Ao lado disso, a solidão passa a ser preenchida pela presença avassaladora dos jogos eletrônicos e da televisão, de forma que a criança convive ativamente com personagens virtuais, o que perturba mais ainda a sua já precária experiência de alteridade. O corpo-a-corpo se esmaece em prol da virtualidade. A televisão coloca as crianças em contacto muito precoce com temas e situações do mundo adulto, como a sexualidade, a violência e as drogas.

Todas estas experiências expõem as crianças radicalmente com a quase ausência dos **limites**, de forma que a frouxidão dos **interditos** se destaca aqui como uma problemática fundamental na constituição psíquica. A maior ausência dos pais, no transcorrer do dia, deixam as crianças sem um contraponto seguro face ao que incide sobre elas, impossibilitando a metabolização simbólica destas mensagens e temáticas.

Suponho aqui que tudo isso teve um impacto importante sobre a infância, de maneira a diminuir o seu tempo de duração, ao lado de alterar as relações das crianças com o corpo, os interditos e o outro. Não se pode subestimar aqui o efeito das imagens sobre o

funcionamento biológico, como nos ensinou Lacan,¹³ de forma que uma cultura centrada sobre a imagem, como é a nossa na atualidade, terá certamente efeitos significativos sobre o organismo e a imagem corporal.

Pode-se dizer então que tudo se transformou, desde os anos 50 e 60, na sociedade brasileira e no contexto internacional, subvertendo a condição da infância. Com efeito, a sociedade brasileira se deslocou do campo para a cidade, tornando-se não apenas eminentemente urbana mas também industrial. A ordem familiar foi subvertida com o estabelecimento de outras relações entre os gêneros, que incidiram sobre a enraizada tradição patriarcal. No contexto internacional, a polarização ideológica que marcou a guerra fria foi suplantada pelo conservadorismo que nos acompanha até hoje.

Porém, se tudo se transformou radicalmente, entre os anos 50 e 60 e a atualidade, no que tange as formas de subjetivação, a porta de entrada para a compreensão disso deve ser buscada na correlata revolução de costumes que também se empreendeu. Vale dizer, as então crianças dos anos 50-60 viraram o mundo de ponta-cabeça, subvertendo as relações com o corpo e a sexualidade, que incidiram sobre os interditos instituídos.

Para podermos avaliar devidamente as transformações em questão devemos ficar atentos aos operadores que regularam tais mudanças. É o que se fará em seguida, de maneira esquemática.

IV. Revirar de ponta-cabeça

Assim, foram as crianças dos anos 50 e 60 que enunciaram em alto e bom som que era proibido proibir, que ecoaram nas barricadas de maio de 68, nas ruas de Paris e das capitais de todo o mundo. Foi neste contexto histórico que ocorreu a revolução da

¹³ Lacan, J. “Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je”. In: Lacan, J. *Écrits*; Lacan, J. “L’agressivité en psychanalyse” (1949). Idem.

juventude, pelas quais os jovens queriam não apenas ocupar o poder político, mas também se confrontar com as hipocrisias cristalizadas na geração de seus pais. Estas condensavam o que fora produzido e reproduzido pelas gerações anteriores, desde o século XIX.

Em decorrência disso, falou-se literalmente na existência de um poder jovem, que se transformou até mesmo no título de um livro memorável, escrito pelo jornalista Poerner. Neste contexto, se multiplicaram as publicações de livros e de revistas especializadas, nas áreas de sociologia e de ciência política, dedicados exclusivamente à questão da juventude. Com efeito, como a revolução em marcha foi inesperada, todos buscavam interpretar o que estava acontecendo, para tomar pé no novo mundo que já se configurava nas suas fundações. Portanto, era preciso apreender as suas linhas de força e delinear os seus pontos de fuga, para não perder o pé no que estava já acontecendo.

A resultante maior desse processo foi que a adolescência passou a terminar mais cedo. A passagem para a idade adulta se fazia então precocemente. Com efeito, se os jovens queriam tomar o poder de assalto, não apenas o político, bem entendido, mas também imaginavam que um outro mundo fosse efetivamente possível, nos registros ético e estético, era preciso romper logo a relação de dependência que tinham com os seus pais. Ficava-se então logo adulto, de uma forma sempre conflituada, é claro, mas alegre. Tudo isso para o desespero dos pais, que quase sempre atônitos e desnorteados, não entendiam muito bem o que estava ocorrendo em torno deles.

A tendência maior que se delineou aqui era a de sair cedo da casa dos pais. O **risco**, como valor ético básico, se estabeleceu então, tendo na **aventura**, como estilo de existência, a sua contrapartida. Ao sair de casa dos pais os jovens buscavam o seu sustento, para viverem com amigos ou com suas namoradas. Nesta geração, muitos tiveram filhos quando eram ainda muito jovens. Neste cenário festivo, regado pela alegria, a confiança no

futuro estava sempre presente e se disseminava por toda a parte. A ruptura com a dependência infantil e a busca frenética pela aventura, enfim, impulsionava a cultura do risco e da rebeldia.

Não resta qualquer dúvida que o dinamismo da economia brasileira de então abriu enormes possibilidades de trabalho para os jovens adultos, que puderam assim encontrar na realidade sócio-política boas possibilidades de inserção no mercado de trabalho. A aventura, o risco e a rebeldia encontraram no real social a sua combustão, que alimentava, por ricochete, as suas aspirações.

Porém, ao mesmo tempo aconteceu a revolução feminista, em íntima relação com a revolução sexual da juventude. A geração dos anos 50 e 60 foi também o protagonista desta cena histórica, na medida que a crítica ao poder patriarcal, nas suas múltiplas figurações, se inscrevia também na plataforma do dito poder jovem. Com isso, as mulheres também se rebelaram, inscrevendo o risco e a aventura no seu estilo de existência.

Buscaram então se construir como **singularidades**, reivindicando direitos iguais aos dos homens, tanto no espaço da casa quanto no do trabalho. As mulheres não queriam mais se restringir à estrita condição materna, espartilho agora bastante apertado para as suas novas aspirações. A maternidade passou a se inscrever então no campo mais abrangente da condição feminina, que poderia e deveria se singularizar de múltiplas maneiras.

A invenção dos anticoncepcionais foi uma alavanca poderosa deste processo, certamente, pois pela mediação desses as mulheres puderam separar seguramente o exercício livre do erotismo do imperativo incontornável da reprodução. Conquistaram então um outro domínio sobre o corpo e o desejo, que lhes possibilitou a referida singularização, já que a reprodução poderia ser assim melhor controlada. Podiam, enfim,

definir **quando** e **como** engravidar, deixando o campo aberto para usufruírem do seu erotismo.

Este processo produziu uma enorme transformação na ordem familiar. As mulheres não apenas foram estudar, mas buscar também uma outra inserção no espaço social. Passaram assim a disputar com os homens as posições no mercado de trabalho, além, é claro, do reconhecimento para as suas novas aspirações. Se deslocaram então decididamente do espaço restrito da governabilidade privada, onde foram alojadas na passagem do século XVIII para o século XIX, e se inscreveram também no espaço da governabilidade pública.

A família nuclear, como célula básica da sociedade moderna, constituída que era pelas figuras do pai, da mãe e dos filhos, deixou de existir. As figuras parentais, principalmente a mãe já que a do pai já detinha este poder, passaram a ter projetos existenciais próprios, independentes do campo da família. Em decorrência disso, a relação dos pais com os filhos se transformou radicalmente. Enfim, a ordem familiar foi também revirada de ponta-cabeça.

Com a maior singularização das figuras parentais os divórcios se tornaram então lugar-comum. Como o compromisso maior daqueles era principalmente com seus projetos existenciais e não com a ordem familiar, as separações se multiplicaram, se diferenciando assim a nova família com a que lhe antecedeu historicamente, quando as separações e o fim do casamento eram não apenas objeto de censura pública, como também de escândalo.

Constituíram-se, assim, novos modelos de família, nos quais as novas figuras parentais passaram a se associar trazendo já seus filhos, provenientes de casamentos anteriores. Neste contexto, engendraram-se inevitavelmente outras conflitualidades que eram anteriormente inexistentes, em consequência dos novos pactos e das

responsabilidades agora relativizadas. Quem são os responsáveis efetivos pela prole das alianças anteriores? O pai e a mãe? Ou, então, o padrasto e a madrasta? Ou ambos? Nestas diferentes e possíveis linhas de fratura muitas ambigüidades foram forjadas, sem dúvida, que passaram a marcar as crianças e os adolescentes de maneira indelével.

Além disso, como as mães se distanciaram mais da ordem familiar, em busca que foram de seus projetos existenciais singulares, sem serem substituídas na sua relativa ausência pela maior presença dos pais, as crianças e os adolescentes receberam aqui um golpe importante, que não pode ser absolutamente subestimado. A **economia dos cuidados** foi então afetada de forma significativa, incidindo inequivocamente nas novas formas de subjetivação da juventude.

Não estou dizendo com isso que se deva retornar à ordem familiar anterior, mais acolhedora, pois a transformação que ocorreu não tem volta, pela sua profundidade e extensão. Nem tampouco que as mães são as responsáveis pela mudança na economia dos cuidados. Longe disso. Porém, como a contrapartida paterna não substituiu a relativa ausência materna, uma série de desdobramentos e conseqüências psíquicas foram aqui produzidas. Ambas as figuras parentais são as responsáveis, sem qualquer privilégio para nenhuma delas. É o que se verá agora, no que se segue.

V. Precariedade, fragilização e infantilização

As crianças e os jovens são muito mais deixados à deriva do que outrora no campo da família, pelo grande número de horas que ficam sem a presença dos pais, que saem para o trabalho. Não obstante a intensa agenda de atividades complementares à escola, a que são aqueles submetidos como um imperativo – esportes, aprendizado de línguas dentre outras -, tal preenchimento de tempo não tem a mesma economia afetiva que a presença dos pais.

Esses, no melhor dos casos, são substituídos por empregados, que também não tem a mesma incidência afetiva do que as figuras parentais.

O efeito maior disso é um sentimento de **abandono** que é provocado, pois, repito, a relativa ausência materna não foi substituída pela maior presença paterna. A suplência não ocorre, já que o formalismo relacional que marca as atividades escolares e extra-escolares não supre a **precariedade** de investimentos das crianças e jovens.

Um certo contingente de mães procuram substituir a sua relativa ausência pela presença maior em certos momentos do dia. Assim, acordam mais cedo para servir o café da manhã e levar as crianças à escola, da mesma forma que se esforçam para buscá-las na saída das aulas. É parte da dupla jornada de trabalho das mulheres, que suprem assim tanto a sua ausência quanto a dos pais. Porém, o desgaste emocional que isso representa para a vida destas mulheres repercute não apenas na suas relações com os filhos, como também com os maridos. Ao lado disso, a culpa está aqui presente como impulsionadora das mulheres, nestas atividades, de forma que os efeitos nefastos disso se fazem também presentes de diferentes maneiras.

Vale dizer, estamos ainda num momento histórico de passagem entre as ordens familiar moderna e pós-moderna, de maneira que as figuras parentais não conseguiram ainda encontrar a melhor solução e ponto de equilíbrio para isso tudo, qual seja, entre terem seus projetos existenciais singulares e o cuidado familiar dos filhos. Com isso, a fragilidade do investimento afetivo se faz geralmente presente, com os desdobramentos nefastos que isso provoca.

Neste contexto, os jovens ficam inapelavelmente entregues à cultura da televisão, que acabou por ter freqüentemente muito mais efeitos sobre eles do que os discursos escolar e parental. A exposição precoce à sexualidade e à violência se incrementa e se

dissemina, provocando, em contrapartida, modalidades novas de sexuação e o engendramento da agressividade. Estas seriam, com efeito, os únicos meios que os jovens encontram para suprir a carência de cuidados e a solidão de suas existências.

Por outro lado, estes desdobramentos preocupantes se reforçam ainda mais com a explosão da violência urbana no Brasil contemporâneo. Assim, as crianças e jovens não compartilham mais com os seus iguais o espaço público, pelo perigo eminente da violência e da delinqüência. As trocas com os pares se restringe cada vez mais à escola, dada à proibição do espaço da rua. Ao lado disso, os jovens e sobretudo as crianças não mais vão à escola sozinhos, mas geralmente em ônibus escolares e nos carros das famílias.

O efeito maior disso tudo é a **fragilização** psíquica das crianças e dos jovens, que apenas enfatiza a precariedade de investimentos a que me referi acima. Por não poderem experimentar as dificuldades e os impasses que o espaço da rua e da circulação urbana impõem, os jovens não constroem medidas de proteção para isso. Com isso, o trauma se transforma numa experiência agora comum, pois se os jovens não puderem aprender para anteciparem o perigo, ficam expostos então à experiência traumática.¹⁴

Os jovens hoje, no Brasil dos grandes centros urbanos, não mais dominam a cartografia da cidade e nem mesmo do bairro em que habitam, ficando então aprisionados ao exíguo espaço de suas casas e escolas, sem evidenciarem muita potência de movimento. A restrição e o engaiolamento espacial incidiu marcadamente sobre o psiquismo, pois se restringe no jovem o imperativo do ir e vir, incidindo assim no registro da **liberdade**. Qualquer coisa pode então se tornar perigosa e assustadora, pela fragilização juvenil. O exercício da **violência** pode se instituir, neste contexto, como a única defesa de que o jovem dispõe, diante do seu sentimento de impotência e da restrição de sua liberdade.

¹⁴ Freud, S. *Inhibition, symptôme, angoisse* (1926). Paris, PUF, 1973.

Assim, privados psiquicamente da maior presença dos pais na cena familiar, protegidos e ilhados que são pela disseminação da violência urbana, sem poderem adquirir instrumentos psíquicos de ir e vir pela falta do domínio do espaço público, a juventude se inscreve num cenário paradoxal. Com efeito, afetivamente privados e fragilizados pelo excesso de proteção, os jovens não podem aprender a se virar. Em decorrência disso, a **infantilização** de sua condição se prolonga, de forma que a adolescência se arrasta para além dos limites desejáveis e invade a idade adulta, de maneira que estas duas fases de existência tendem a se confundir e a se superpor, como já disse inicialmente.

Ao lado disso, a defasagem existente hoje no Brasil entre a grande população jovem e as restrições do mercado de trabalho para incorporá-la aumenta a cada ano. Os impasses econômicos e sociais da sociedade brasileira contemporânea criam um gargalo seletivo, que é preocupante para a juventude, configurando uma situação bastante diferente da que existia nos anos 60, quando o leque de possibilidades existentes no mercado de trabalho eram bem maiores.

Com isso, a possibilidade de sair da casa dos pais e seguir a sua própria existência se prolonga em demasia, pois os jovens têm poucos meios para irem embora. Neste particular, a condição da juventude hoje é dramática e real, ao mesmo tempo. Configura-se aqui também uma situação nova, pois se os jovens buscam prolongar os estudos para terem melhores condições de disputa no mercado de trabalho, por um lado, buscam também trabalhar em pequenos empregos, geralmente mal-remunerados, para possibilitar a sobrevivência e saírem então de casa, pelo outro. Por este viés também, a fragilização e a infantilização dos jovens se incrementam mais ainda.

No que concerne a isso, existe uma diferença importante entre a baixa classe média, mais precária social e economicamente, e as elites. Enquanto as primeiras param de investir

nos estudos pela falta de perspectiva oferecida pelo mercado de trabalho, com efeito, as segundas tendem a prolongar seus estudos, no Brasil e no exterior, para terem melhor condição de disputa no mercado de trabalho. Quanto as primeiras, é preciso evocar o alto nível de abandono dos estudos universitários, não obstante o crescimento vertiginoso de cursos universitários privados, para as classes médias baixas, nos últimos anos. Esta camada de jovens aprendeu muito mais a se virar e a se fragilizar menos, mesmo fazendo trabalhos poucos valorizados, enfim, que as classes médias altas.

Tudo isso se conflui, no campo das elites e das classes médias altas, para uma condição paradoxal da juventude. Permanecem na casa dos pais, protegidos então por esses, mas querendo levar uma existência de adultos. Passam a viver assim quase maritalmente com seus namorados e namoradas, na casa dos pais. Com isso, a confusão geracional se institui também aqui, pela indiscriminação entre jovens e adultos, isto é, entre filhos e pais. Quem são eles, afinal das contas? Adultos ou crianças? Adolescentes protegidos ou adultos? O quadro que aqui se configura é eminentemente esfumado e borrado, com fronteiras e confins mal delineados.

Neste cenário, se incrementa marcadamente a onipotência dos jovens, adolescentes e adultos jovens, na sua relação com os pais. Em contrapartida, as linhas de fratura de sua fragilidade se acentua ainda mais, pela dependência em que se encontram face à aqueles, multiplicando os efeitos de sua infantilização. Os fantasmas incestuosos se fazem aqui também presentes, ao lado das atuações das figuras parentais através dos filhos, de forma a se delinear um “romance familiar” invertido.¹⁵

¹⁵ Freud, S. “Le roman familial des névrosés”. In: Freud, S., *Névrosé, psychose et perversion*. Paris, PUF, 1973

Os desdobramentos disso tudo são sérios e até mesmo funestas, conforme vou enunciar esquematicamente agora, à guisa de conclusão.

VI. Uma mistura explosiva

Assim, se está evidente o que pretendo dizer aqui com tudo isso, uma mistura explosiva se delinea e se impõe com crueza neste cenário atual da juventude. Quando a privação relativa se conjuga com a fragilização e a infantilização, declinando tudo isso no contexto social de falta do horizonte para o futuro, não deve nos espantar que as culturas das drogas e da violência se imponham como marcas da juventude hoje. Isso porque se as drogas funcionam como antídotos para o sofrimento dos jovens, pelo gozo e pela onipotência que lhes possibilitam, o exercício da violência e da agressividade em geral são as contrapartidas para a impotência juvenil nos tempos sombrios da atualidade.

Neste contexto, a cultura **pitbull** se alastra de maneira preocupante nas classes médias brasileiras, como se dar porrada e brigar fossem signos valorizados entre os jovens para marcar a sua superioridade face aos outros. Ter força física e mostrar isso ostensivamente para os outros é a única maneira dos jovens acreditarem ilusoriamente na sua potência efetiva, quando a impotência é o traço fundamental de sua condição psíquica e social. É ainda esta violência **pitbull** que passa a ser freqüentemente valorizada pelas mulheres jovens, como se fosse o signo infalível da virilidade.

Ao lado disso, face à falta de horizonte de futuro e na posição infantilizada em que se situam hoje, a juventude se inscreve decididamente na cultura do espetáculo que perpassa a cultura contemporânea. Assim, todos querem ser celebridades e ocupar a cena midiática como protagonistas importantes e até mesmo como **pop-stars**, como contrapartida onipotente para a impotência vertiginosa em que estão lançados. Trata-se, é

claro, da renovação atual do **fantasma do heroísmo** que sempre marcou a juventude dos últimos duzentos anos, desde o Romantismo, mas que encontra na figura da celebridade a sua versão contemporânea.

Porém, a fragilização identitária dos jovens se enuncia de forma patente, para quem tem olhos argutos para ver e bons ouvidos para escutar. Não obstante o barulho provocado pelos arroubos da violência e da onipotência, é a impossibilidade e os limites da autoria de suas existências que se enuncia aqui de maneira trágica.

A cultura da tatuagem, que hoje se dissemina, é uma das formas de singularização buscada hoje pelos jovens, diante da invisibilidade identitária que os marca a ferro e fogo. Tal como os antigos marinheiros, lançados que eram na aventura de atravessar os incertos oceanos tempestuosos, sem lenço e sem documento, com efeito, a juventude marca o seu corpo com tatuagens como formas desesperadas para adquirir alguma visibilidade, isto é, para ser identificada e singularizada. Ao lado disso, procuram se reinscrever em outras linhagens e ascendências imaginárias, denunciando deste modo a fragilidade presente no seu sistema de filiação.

Pode-se reconhecer em tudo isso, enfim, o **desamparo**¹⁶ que caracteriza a juventude hoje, que inscreve e marca dolorosamente no seu corpo, lancetado pelas tatuagens, a sua condição psíquica torturada.

Rio de Janeiro, 22 de abril de 2005.

¹⁶ Sobre isso, vide: Birman, J. *Cartografia do feminino*. São Paulo, 34, 2003, 2ª edição; Birman, J. *Gramáticas do Erotismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.